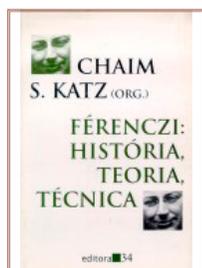
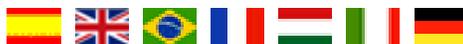


PUBLICACIONES. LIBROS SOBRE SANDOR FERENCZI EN PORTUGUÉS.



“Férenczi: história, teoria, Técnica”.



Chaim S. Katz (org.).
ed. São Paulo Editora 34. 1996 - 148 p.

Resumo:

“Freud se caracterizava pela exigência do pensamento científico e por isso a visão do sofrimento era uma coisa natural, ou seja, admitia-se que o mal-estar existe. Férenczi era o otimista, o esperançoso, não achava o sofrimento natural e queria curar o mal-estar. Férenczi queria curar, Freud privilegiava a pesquisa. Isto indica uma diferença ideológica que vai influir no que eles realizam e como realizam.” (Anna Verônica Mautner).

Em lembrança e homenagem ao grande psicanalista húngaro por ocasião dos 60 anos de sua morte, a Formação Freudiana do Rio de Janeiro promoveu, em novembro de 1993, o I Simpósio Sandor Férenczi.

Este livro apresenta as conferências então proferidas por cinco estudiosos de sua obra: Anna Verônica Mautner, Maria Teresa Pinheiro, Joel Birman, Chaim Samuel Katz e Renato Mezan

A Modernidade de Sandor Férenczi

O I Simpósio Sandor Férenczi teve lugar no Rio de Janeiro em novembro de 1993 organizado pela Formação Freudiana. A editora 34 publica em 1996 com o título Férenczi: História, Teoria, Técnica o resumo das conferências então pronunciadas e nos dá a oportunidade de participar dessa homenagem aos 60 anos da morte do autor. Para quem ainda em 2005 não foi contagiado pelo “espírito de investigação radical” de Férenczi, como bem o disse D. Kupermann no prefácio, a leitura do livro pode ser determinante.

Apresentadas em tom coloquial, reproduzindo portanto a vivacidade da exposição, cada palestra é introduzida por um coordenador, membro da instituição, e finalizada com um debate suscitado pelo tema desenvolvido.

A seqüência das apresentações faz jus ao título: inicialmente um pouco de história, onde vamos então à Hungria de Férenczi, levados pela mão de Anna Verônica Mautner, conhecedora da cultura daquele país e de sua língua original, o magiar. Em seguida os psicanalistas Maria Tereza Pinheiro, Joel Birman, Renato Mezan e Chaim Katz expõem seus pontos de vista sobre a teoria e a técnica na obra de S. Férenczi.

Anna Verônica revela-nos elementos inusitados a partir de lembranças familiares: uma possível primeira aula de Férenczi na Universidade, assistida por um tio dela! E o fato de que “havia espaço para a sexualidade no dia a dia, no diálogo, na avaliação espontânea do outro” naquele início de século. Com seu depoimento Anna Verônica confirmou o que venho aprendendo, através da literatura, sobre essa peculiar cultura.

Recentemente nas publicações traduzidas para o português de seus escritores mais representativos como Gyula Krúdy (1878/33) e Sandor Márai (1900/1989) pude perceber tratar-se de um povo muito sensível aos aspectos afetivos.

Verônica nos diz que a língua magiar era “para rir, chorar, xingar e amar”, tendo ficado reclusa à informalidade, tornando-se oficial somente no século XX. Portanto, segundo ela, a língua especializou-se durante mais de um milênio como língua de comunicar afetos e desditas.

Ressalto este aspecto dentre os inúmeros que Anna apresenta porque acredito, e ela também, que essa inserção particular da Psicanálise na língua húngara, no “espírito dos húngaros”, cria uma dimensão mais “corporal”, no sentido de atenção para com os afetos. “Quando a Psicanálise encontra essa língua húngara em tudo aquilo que se fala ou vê, no sentido de comunicação de afetos, a Psicanálise e a língua húngara se encaixam perfeitamente”, segundo ela. E S. Férenczi viria a representar, ou melhor a “incorporar” essa característica não só em sua obra, mas em seu traço de personalidade. Há depoimentos de que era uma pessoa menos formal e até mesmo muito risonho, como testemunham algumas de suas fotos, inclusive a da capa do livro em questão tão bem escolhida. Anna Verônica acrescenta que ele não achava o sofrimento natural e queria curar, parecia ter um compromisso com a cura (Chaim explora, em sua exposição, essa temática da cura).

E a partir disso há o fato já consumado de que Férenczi estava voltado realmente para uma metapsicologia da clínica analítica, o que deixou escola, mesmo que não considerada oficialmente. Em seu relato A. Verônica nos chama atenção também para uma mudança de postura no que diz respeito a Férenczi ser considerado como um homem sem interesses institucionais. Esse ponto de vista vai ser retomado na conferências dos psicanalistas.

Dentro dessa inserção institucional podemos atualmente mencionar “uma escola de Budapeste”. Acabo de presenciar uma mesa-redonda no Colóquio Internacional N. Abraham e M. Torok em Paris (outubro de 2004) cujo título era “De Férenczi, Balint, Imre Hermann à N. Abraham e M. Torok” e poderíamos incluir aí, Eva Brabant e Judith Dupont (atualmente radicadas na França). Torna-se evidente a existência de um pensamento psicanalítico húngaro, com uma nítida preocupação com a clínica. A originalidade identificada em vários trabalhos desses autores e a visão que inauguram sobre uma nova escuta em Psicanálise (graças principalmente aos conceitos de doença do luto, cripta, fantasma e segredo de família) confirmam por si só algo de efervescente que perdura nessa “escola”.

Maria Tereza Pinheiro abre as quatro conferências sobre as quais eu resolvi traçar alguns pontos em comum, na intenção de ressaltar a pertinência de um livro como este para nossa psicanálise centenária. São eles:

1. Qual o futuro para a psicanálise?.
2. A psicopatologia atual e a teoria e técnica analíticas
1. Quanto ao futuro da Psicanálise:

Tereza Pinheiro estabelece uma relação interessante entre o que observa em seus pacientes melancólicos (a falta de projeto de futuro e dificuldades de lembrança do passado, com alguma coisa enterrada) e uma Psicanálise também melancólica, com um passado (com Férenczi) também enterrado através de Jones.

Nesse sentido, segundo ela, a retomada da obra ferencziana poderia revitalizá-la.

Para Birman quando Férenczi sai justamente do “arquivo morto” fica claro que a Psicanálise dos últimos decênios não admitia a “franja de problemas clínicos e metodológicos que a obra de Férenczi testemunha de modo muito rico”. Trazendo a questão “o que é ser psicanalista?” e “o que é essa tal “senhora” Psicanálise? Birman lembra que a Psicanálise no final dos anos 20 já estava se tornando anêmica e perniciosa (causa da morte de Férenczi), tinha portanto se desvitalizado, o que Férenczi já apontava . A crise que eclodiu nos anos 50, segundo ele, reabriu a crítica que Férenczi fazia às instituições em sua época. Essa dissonância de Férenczi em relação à comunidade psicanalítica foi evidente e faz-nos supor que ele tinha aquelas duas questões levantadas por Birman sempre em mente.

A exposição de R. Mezan volta-se para uma análise da noção de símbolo e as reflexões subseqüentes sobre o objeto na situação analítica, o que traz uma visão da originalidade do pensamento desse autor.

Partindo do simbolismo dos olhos, explorado por Férenczi, Mezan fala do interesse do autor na gênese psíquica do símbolo. E é no seu artigo, dos mais originais: “Sobre o desenvolvimento do sentido da realidade” que Mezan resalta com pertinência o lugar que o corpo ocupa como referência inicial básica para a construção das representações. Desenvolvendo a noção de seis etapas na aquisição do sentido de realidade Férenczi não só apresenta uma criança feliz (ao contrário, como assinala Mezan, da impressão

de que a criança ferencziana é sempre traumatizada), mas também inclui o corpo “como via pela qual os objetos são encontrados e incluídos dentro da esfera do self”.

Tendo escolhido essa perspectiva para analisar a obra ferencziana Mezan nos oferece a possibilidade de nela vislumbrar uma atualidade indubitável. Por isso faz sentido para ele lembrar frase de A. Green ao dizer que FÉRENCZI é “o pai da Psicanálise contemporânea”.

Estudando essa questão dos símbolos, diz Mezan, FÉRENCZI vai se defrontar com esse caminho singular, específico, pelo qual uma criança, que explora de certa maneira a sensoriedade do seu corpo, se constitui como sujeito de uma percepção, de si mesma e dos outros. Seria a trajetória para a construção de suas representações. Se o território psíquico a ser investigado atualmente é cada vez mais o das organizações onde o recalamento não é o mecanismo de defesa principal, poder fazer incursões teóricas na dimensão do corpo na origem do psiquismo leva certamente a uma renovação no campo da Psicanálise.

Chaim completa esse ponto de vista considerando a obra de FÉRENCZI uma “obra aberta”, lembrando a concepção de Umberto Eco. Ela estabeleceu, segundo ele, no interior do campo psicanalítico postulações incisivas que transformaram decisivamente tanto teorização quanto clínica. É um “saber longe do equilíbrio” e como tal, como teoria não acabada, tem mais chance de permanecer viva; já que muitas das recentes análises, tanto nos Estados Unidos quanto na França anunciam a morte da Psicanálise. Chaim considera FÉRENCZI como uma nova perspectiva para a psicanálise, e a esse autor nos voltamos, segundo ele, pelas dificuldades teóricas e clínicas cada vez mais presentes.

2. Sobre a psicopatologia atual e a teoria e técnica analíticas:

Tereza Pinheiro faz uma vasta reflexão sobre os pacientes aparentemente histéricos, que surgem atualmente nos consultórios, mas que na verdade são estruturas mais prejudicadas e que ela aproxima da melancolia.

No debate ela esclarece: “Não se parecem com os melancólicos clássicos de jeito nenhum, mas têm angústia numa quantidade enorme e estamos, apesar das facetas diferentes, diante da mesma estrutura.” São pacientes que nos dão, segundo ela, a sensação de que nosso instrumento não serve para nada: “não fazem lapsos, não sonham, não sabem o que é fantasia”. É portanto na teoria do trauma em FÉRENCZI que ela vai encontrar respaldo para pensar sobre essas organizações psíquicas onde não há retorno do recalado, como na histeria. Podemos acompanhá-la em uma descrição bastante clara das noções de culpa, desmentido, introjeção e identificação.

Para Birman “começam a ganhar volume e estão na demanda clínica de qualquer psicanalista os casos e as patologias ligadas ao narcisismo, aquilo que os americanos chamam de borderline e os franceses de “estados – limites”, as pequenas e grandes formas novas de manifestações de histeria. Lembra-nos (o que nunca é demais...) que o trabalho do psicanalista é exatamente o trabalho sobre as singularidades, onde devemos eticamente reconhecer o que existe de singular em cada sujeito. A partir daí fica evidente a necessidade de uma nova compreensão dos mecanismos de funcionamento mental de pacientes que já não se encaixam numa metapsicologia freudiana.

Em breve explanação Birman traz elementos essenciais da “teoria da clínica ferencziana”: o ato analítico e a técnica ativa, o conceito de trauma, a criança sábia, a experiência da catástrofe, a análise mútua e reflexões sobre a transferência e a ética do analista.

Sua afirmação de que “a Psicanálise só se desenvolve como clínica e como saber quando afronta os limites” me parece bastante relevante. Até porque parece ser esse o movimento necessário para lidar com “as experiências clínicas da psicose, nos estados limites dos borderlines, das patologias de um narcisismo negatizável, etc...” E a Psicanálise de FÉRENCZI corre o risco de ir para as fronteiras. Para Birman a experiência da Psicanálise é uma experiência de fronteira.

Na suposição de que o interesse atual suscitado por FÉRENCZI está em sua liberdade de experimentação e numa coragem um pouco tresloucada no trabalho clínico e na escrita, Renato Mezan nos dá a pista para a importância desse autor nos impasses da clínica contemporânea. É no debate que ele esclarece, fazendo um paralelo com a teoria freudiana da pulsão de morte, a intenção de FÉRENCZI ao se encaminhar

para a construção de seus conceitos de linguagem da ternura, da paixão etc. Estaria preocupado com a inacessibilidade à análise das organizações onde o recalçamento não é o mecanismo de defesa principal, quer dizer, segundo Mezan, das organizações extraneuróticas. Justamente aquelas às quais estamos chamando de “psicopatologias modernas”.

E acrescenta que a idéia de compreender a gênese dessas organizações através das experiências traumáticas, etc. ... poderia ser uma outra maneira (diferente da de Freud) de pensar sobre o que escapa ao campo da representação.

Sabemos que cada vez mais a Psicanálise se defronta com a necessidade de uma metapsicologia que inclua esse mecanismo de funcionamento mental que não passa pela representação. A obra de Férénczi torna-se essencial nesse sentido.

Vou ressaltar aqui, dentre os vários temas abordados por Chaim (a cura, o belo e o sublime, o sonho...) a sua formulação sobre os dois registros do psiquismo em Férénczi : “Acho que Férénczi fala de dois andares, ou dois regimes do psiquismo”. Ao mostrar que um dos andares é precioso e tem sido abandonado Chaim se aproxima da questão pertinente às diferenças entre os mecanismos psíquicos e principalmente àqueles ainda inexplorados.

Reproduzo seu texto:

“Na medida em que os casos chamados “difíceis” não podem ser resolvidos por uma teoria previamente formulada, penso que cada momento diz respeito a uma espécie de aparelho psíquico.”

Vale a pena acompanhar a provocação ao estilo dos “enfants terribles”, como ele mesmo qualifica sua exposição, para sentirmos a riqueza das contribuições ferenczianas. E de fato Chaim nos apresenta a uma “obra diferenciada”, com todo vigor de um “ferencziano”.

Ele acredita que Freud tomou uma grande lição de Férénczi em 1933 quando este mostra como nascem outras representações. “O campo das representações vai ser ressignificado , retrabalhado de outra maneira, desde que possa tomar posse do mecanismo que produziu a expulsão de maneira violenta...” “Elas são chamadas “representações fora do lugar”.

Acredito que é a partir dessas reflexões que Chaim conclui o debate falando da importância da noção de catástrofe em Férénczi. A catástrofe, que faz parte do título original de Thalassa, indica que algo que já estava organizado se desorganizou. Mas ao invés de ser uma desgraça é a necessidade de uma outra organização. “A crise, a catástrofe, pedem a feitura de uma outra organização”, segundo Chaim. Se reportarmos essa análise à crise da Psicanálise, quem sabe possamos reconhecer aí também uma necessidade de novas organizações tanto teóricas quanto técnicas.

Sem dúvida o acontecimento que o presente livro documenta reuniu um grupo de profissionais sensíveis às questões colocadas à Psicanálise na atualidade e sua publicação reitera o crescente interesse pela obra desse autor em nosso país e internacionalmente (Férénczi em Madri - 1998; Congresso “Sandor Férénczi – o clínico” em Turim, julho de 2002).

Um detalhe para finalizar é o endereço da editora 34 em São Paulo: Rua Hungria, no Jardim Europa. Talvez pudéssemos brincar ao considerar que Férénczi não deixa de ser um pouco brasileiro, no seu jeito mais criativo de ser.

Ivanise Fontes

ivanisefontes@bol.com.br

Psicanalista, doutora em Psicanálise pela Universidade Paris 7 – Denis Diderot, com pós-doutorado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Autora dos livros *La Mémoire Corporelle et le Transfert*, Presses Universitaires du Septentrion, 1999 e *Memória Corporal e Transferência – fundamentos para uma psicanálise do sensível*, Via Lettera, 2002.

En: <http://www.freudiana.com.br/destaque.php?id=2194>

Sumário:

A apresentação / 7

História e panorama / 9

1. Férenczi: cultura e história (Anna Verônica Mautner) / 15

2. Trauma e melancolia (Maria Teresa Pinheiro) / 43

3. Freud e Férenczi: confrontos, continuidades e impasses (Joel Birman) / 65

4. O símbolo e o objeto em Férenczi (Renato Mezan) / 91

5. A clínica e o sofrimento; familiar e infamiliar (Chaim Samuel Katz) / 12.

Volver a Publicaciones sobre Ferenczi en Portugués

Volver a Publicaciones

PÁGINAS DEL PORTAL ALSF-CHILE

<http://www.alsf-chile.org> - <http://www.biopsique.cl> - <http://www.indepsi.cl>

Contacto: alsfchile@alsf-chile.org.